

CULTURA E ECONOMIA: ANÁLISE DAS (OS) CERAMISTAS DE COQUEIROS E MARAGOGIPINHO

Aldemir Rildon Carneiro¹

Geferson Santana de Jesus²

RESUMO

O presente artigo trata da análise do contexto cultural no distrito de Coqueiros e Maragogipinho em associação com a economia das localidades, sendo que estas são produtos da arte confeccionada pelos ceramistas, com o objetivo de garantir a sobrevivência dos artesãos. Este estudo tem como meta compreender a realidade socioeconômica e cultural da comunidade que cultiva há anos a herança que vem passando de geração a geração, e desemboca no século XXI como uma das poucas alternativas de gerar renda. Mas, não podemos negar que as diferenças entre os dois distritos existem em maior ou menor grau, e estará sendo durante todo o trabalho exemplificado por meio de fotos e gráficos que terão como função materializar as nossas idéias a respeito do trabalho aqui desenvolvido.

Palavras- chave: Coqueiros. Maragogipinho. Cultura. Economia.

1 Graduando do curso de Ciências Sociais da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), aldemirildon@hotmail.com.

2 Graduando do curso de História da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), gefesdj@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui desenvolvido tem o principal objetivo de contribuir para uma nova reflexão sobre Coqueiros e Maragogipinho, tendo em vista que, em toda a trajetória histórica e econômica houve pouca preocupação de quaisquer segmentos sociais em estabelecer discussões políticas, que atendessem as demandas sócio-culturais das gerações futuras. Devido à probabilidade de extinção desse costume e em especial em Coqueiros, é preferível que se realize uma discussão em cima das questões apontadas.

Após uma pesquisa³ empírica realizada nas duas comunidades e baseando-se na vivência dentro do contexto dos ceramistas, tivemos a oportunidade de visitar e presenciar a realidade das pessoas que está há anos engajadas nesse trabalho, tendo assim, um valor simbólico para os ceramistas dos dois distritos apresentados. A cerâmica coqueirense ainda não é muito valorizada no mercado, sendo que os principais incentivadores são alguns restaurantes da capital e os turistas que vão visitar a região.

Os trabalhos dos artesãos são informais e mal supre as suas necessidades básicas, entretanto, sabemos que a situação pode ser mudada se o Estado cumprir o papel de agente planejador e fomentador das atividades culturais, além de preservar e valorizar o patrimônio cultural e contribuir para o desenvolvimento econômico. Essa é uma cultura que está em extinção, pois se não aparecer uma forma de incentivo, que não se resume apenas ao financeiro, mas, também incentivar os jovens do local e assim, possibilitar a continuidade do “fazer cerâmica”, bem específica de Coqueiros.

As pesquisas demonstram que as populações vivem em situações financeiras deficientes, devido à falta de emprego, e as poucas alternativas existentes não contribuem no melhoramento financeiro dos nativos. A funcionalidade da arte ceramista deve ser explorada para entendermos o sistema de produção executado pelos profissionais da área de moldagem da argila.

O que diz respeito a Coqueiros e Maragogipinho o custo da produção da cerâmica torna-se caro; devido as dificuldade de transporte da matéria-prima para sua preparação, falta de uma organização da associação, falta de divulgação do seu produto e o lucro excessivo dos atravessadores. Alguns dos ceramistas vendem seus produtos nas feiras livres, no qual, os produtos mais vendidos são os decorados que tem preços

³ Participação dos estudantes de Ciências Sociais do 4º semestre da UFRB, que foram a pesquisa de campo em dezembro 2009 como pesquisadores na disciplina de Economia II ministrada por Profª. Drª. Lucia Aquino, e como resultado apresentaram um relatório de pesquisa.

variados, apesar do ganho não ser um valor simbólico das importâncias culturalmente reproduzido dentro do seu parâmetro de desenvolvimento econômico.

UMA ANÁLISE ECONÔMICA E CULTURAL DAS CERAMISTAS DE MARAGOGIPINHO

Maragogipinho município de Aratuípe, no Recôncavo baiano situado a margem do rio Jaguaripe, fica a 225 km de Salvador, que sua técnica de trabalho é aprimorada com novos manejos para produção da cerâmica. Segundo R. A. Cordaro Maragogipinho considerado o maior pólo cerâmica da América Latina e conta com cerca de 78 olarias. Esta pesquisa teve como intuito compreender a realidade econômica e cultural dos mesmos. Em Dezembro de 2009, visitamos o local com o intuito de entrevistar alguns artesãos e conhecer suas trajetórias. O material deu origem a este artigo.

O Recôncavo é um local muito rico em recursos naturais e culturais. Tratar de cultura nesse espaço geográfico torna-se uma questão de reconhecimento de nossa própria cultura, principalmente quando se fala sobre o trabalho da argila especialmente nas duas grandes localidades - Coqueiros e Maragogipinho - que desenvolvem a confecção das panelas e objetos decorativos utilizados pelos próprios moradores, e pelos turistas que vão visitar esses lugares fantásticos.

Como não pensar em uma arte que vêm sendo utilizada desde o período colonial pelos senhores de engenhos como utensílios de armazenamento do açúcar. Os engenhos eram recheados destas peças em tamanho maior, e quando não encomendavam o bastante, tinham dificuldades em guardar o material- o açúcar- produzido que em breve seriam transportados para outras localidades, inclusive o exterior.

O historiador Stuart B. Schwartz, comenta no livro de sua autoria intitulado *Segredos internos: engenhos e escravidão na sociedade colonial*, o quanto Maragogipinho foi importante para o processo de retenção do açúcar. Os senhores de engenho compravam muitos produtos de cerâmica em especial os potes, que possibilitavam uma grande acumulação de produto.

Portanto, o Recôncavo sem a cerâmica e suas várias utilidades e principalmente como elemento cultural preponderante para compreender as duas realidades da tradição do distrito de Coqueiros e Maragogipinho. E como seriam hoje essas duas localidades sem essa “arte do fazer cerâmica”, que tem como principal finalidade garantir o sustento de suas famílias. A economia cultural é uma das auxiliadoras que nos abrirá caminhos

para compreender o “elo” que existe entre as situações colocadas, pois, tendo ou não consciência disso os ceramistas enquanto agentes culturais.

Como recompensa dos seus esforços nas feiras livres mantém suas barracas para venderem seus produtos no intuito de arrecadar lucros para compensar as despesas da produção. Esta é uma prática estabelecida com frequência em Maragogipinho, os ceramistas participam de feiras que ocorrem nas cidades vizinhas, como Cachoeira, Cruz das Almas. Eles não são auxiliados por nenhum projeto, e tem como maior problema de saúde devido à produção das cerâmicas dores na coluna. E alegam ser importante para movimentar a economia do local, além de ser uma prática que marcar a cultura local, e como sugestão dizem que, seria ideal um melhor funcionamento da cooperativa, além de um incentivo do governo.

Entre os entrevistados de Maragogipinho, só uma pequena parte recebe algum benefício do governo como bolsa família. A cerâmica para eles é vista como fonte de sobrevivência, e por isso a julgam de extrema importância, a maioria deles trabalha com a cerâmica a mais de 30 anos e, além disso, a necessidade de fazer para sobrevivência gosta do que fazem. Fazer cerâmica é uma atividade passada de geração a geração, tendo essa atividade como única profissão naquela localidade.



Fig. 1. Feiras livres ceramistas de Maragogipinho⁴

O custo da produção das cerâmicas é de duzentos a trezentos reais – em dezembro de 2009 –, tendo como clientela principal os lojistas de outras localidades da Bahia que comprem para revender. Segundo os entrevistados a maior dificuldade encontrada por eles para vender seus produtos, esta relacionada com o transporte, tanto da matéria-prima, como o transporte de clientes e produtos já fabricados, a maioria vendem seus produtos nas feiras livres. A renda obtida pela maioria dos entrevistados

⁴ Foto de Gerinaldo Lima (estudante de Ciências Sociais da UFRB)

através da cerâmica depende muito do que é vendido nas feiras, chega a variar de um a três salários mínimos, porém eles trabalham todos os dias da semana.

Ana Carla Fonseca Reis em *Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscopio da cultura* aponta a indústria, como agente importante no fornecimento da cultura, a diferença é que nos dois distritos, não se tem a consciência por parte de seus integrantes do quanto eles são fundamentais na conservação cultural das suas comunidades. Os artesãos encaram seus trabalhos como meros produtos que serão consumidos pelos turistas e pelos restaurantes da capital ou até mesmo do interior.



Fig. 2. Moldagem das peças⁵

Existem varias formas de se montar um objeto de barro, e a da figura acima é uma das formas características de Maragogipinho, tais peças são conhecidas em diversas localidades da Bahia e até mesmo fora do país por meio da comercialização aos turistas. Os indivíduos que confeccionam o artefato valorizam muito a forma, os tamanhos a tonalidade das peças, procuram dar um ar de obra de arte aos objetos tão conhecidos no Recôncavo e na Bahia. É um dos pontos culturais mais importantes do nosso Estado baiano.

As construções são variadas, o principal foco deles é criar utensílios decorativos para serem usados nas residências, tanto de famílias importantes quanto de pessoas com um nível socioeconômico inferior, ou seja, pessoas da própria comunidade. Mas será que as cerâmicas são compradas em larga escala pelos moradores da localidade? De acordo com os questionários aplicados nos artesãos e pessoas que moram na comunidade, é perceptível que os moradores adquiram os objetos, mas, não com a mesma intensidade daqueles que estão de maneira externa a Maragogipinho.

Os homens em Maragogipinho são os principais encarregados de moldar à argila, típico de uma sociedade patriarcal, em que o homem é o centro, as mulheres só

⁵ Foto de Gerinaldo Lima

fazem a pintura das peças confeccionadas, a tradição não permite, e não devemos entender isso como exclusão da mulher por questão de gênero, pois a questão é cultural, e vem passando desde os seus ancestrais. Esses homens criaram as técnicas aplicadas na construção de um material que simboliza a tradição do lugar, exercem há tanto tempo a atividade que em momento algum podemos identificar a insatisfação dessas pessoas.

Os instrumentos são adaptados para ajudar a dar formas ao barro, existem “máquinas” que os auxiliam na produção. O interessante é que eles mesmos fazem todas as instrumentações necessárias para o trabalho, além de permitir melhor agilidade ao artesão no ato de fabricar as peças de cerâmica, todos esses artífices estão por trás da bela forma que as confecções ganham.

Buscar uma manifestação cultural como produto correspondente ao sentido quando ela é reparada dentro do seu amplo e complexo aspecto socioeconômico, com observação direta em seu potencial econômico dos ceramistas, no qual é a principal fonte de rendas de Coqueiros e Maragogipinho. Tratando, no entanto das relações econômicas e sociais que envolvem a atividade cultural, inclusiva a arte — *Ceramistas de Coqueiros: Histórias de Vida*, lançado recentemente pela ONG Artesanato Solidário, que em 2004 e 2005 desenvolveu na localidade um projeto de resgate e perpetuação do ofício entre os moradores.

Qual é o ponto final dessas peças? Elas são expostas nas praças de Maragogipinho para que possam ser vendidas aos turistas que chegam à procura de novos atrativos. Há uma organização dos utensílios de barro, existe uma proposta de estética, para o que está sendo exposta a venda. A tradição de Maragogipinho é muito curiosa, e parece muito com os objetos de cerâmicas vendidos na Feira de São Joaquim, mas para isso existe uma explicação e, bem simples, pois alguns descendentes da localidade foram morar na capital e levaram consigo as técnicas. O que podemos concluir sobre isso é que houve uma extensão cultura de Maragogipinho para a Feira de São Joaquim.

Falar de mestre na arte da cerâmica popular da Bahia, é falar de Vitorino da Souza de Moreira, proprietário do box Flor de São Joaquim, nº 4. Nascido na vila de Maragogipinho em 29/03/1920, o mestre Vitorino, aos seus 86 anos, é um dos mais antigos oleiros vendedor da cerâmica desta comunidade, na cidade de Salvador. (BASTOS e LORDELO, 2006, P.5)

Muitos reclamam que as associações dos ceramistas não ajudam em nada, em outros casos afirmam que elas ajudam na divulgação promovendo feiras, e alegam que a associação deveria ser mais atuante ajudando principalmente na promoção de crédito.



Fig. 3. Os jovens artesãos.⁶

Existe uma proposta na comunidade ceramista de Maragogipinho, de não deixar a cultura local desaparecer, colocando os jovens para terem acesso às técnicas e instrumentos de fabrico dos objetos. A presença da juventude é fundamental para dar continuidade a um trabalho tão dignificante e honrado, devido à conservação da identidade cultural das pessoas que ali moram. Mas, será que todos os jovens querem seguir a mesma profissão de seus pais artesãos? Existem aqueles que querem realmente exercer a função, mas também existem aqueles que são estimulados pelos pais a estudarem e terem conseqüentemente uma vida melhor, entretanto, o mais importante é que a nova geração mesmo que seja em sua minoria dará continuidade à tradição.

COQUEIROS E A ARTE DA CERÂMICA: NUMA PERSPECTIVA ECONÔMICA E CULTURAL

A situação econômica de Coqueiros, no entanto, é mais preocupante, porém, a pesca encabeçada pelos homens, não oferece a “fartura” de antigamente. Desde a construção da usina hidrelétrica de Pedra do Cavalo, há cerca de duas décadas, a indústria tais como (Mastroutto), estas atividades foram prejudicadas pela redução dos peixes. Coube, então, às mulheres batalhar pelo pão de cada dia, e isso incluiu as idosas.

Estas confrarias, predominantemente feminina, aceita de bom grado a mão-de-obra masculina. Os homens ceramistas ainda são minoria em coqueiros. No período recente, um dado curioso que chama atenção sobre como está se dando o desenvolvimento de emprego entre estas duas região é a diversidade cultural para o gênero humano, por isso, devem ser reconhecidas e consolidadas em benefícios das gerações futuras.

Portanto, a presença de mulheres, homens e crianças vêm se deteriorizando em uma localidade mais que em outra. Porém, com a análise em dados pesquisados

⁶ Foto de Gerinaldo Lima

empiricamente, enquanto em Coqueiro 80% são do sexo feminino, em Maragogipinho 67% dos ceramistas é sexo masculino. Outra questão que é importante ressaltar aqui é o grau de escolaridade de Coqueiros, nenhum dos ceramistas possui o nível superior e 40% possui o 2º grau completo e 40% possui o ensino 1º a 4º do primário, enquanto, os demais estudaram ou tem o 20% estudou o ensino fundamental, em coqueiros não se vê com muita aptidão esta praticas ao chegar este ponto de inflexão de possibilidade teórica de mutação para um modelo cultural de crescimento que gere menos desemprego, menos exclusão e que seja de induz mais distributivas. Como você pode observar no gráfico 2.



Gráfico 2. Grau de escolaridade⁷, Fig. 4. Ademir, presidente da Associação dos ceramistas.⁸

A arte de produzir cerâmica no distrito é fonte de renda para todos os artesãos. A situação dos ceramistas coqueirenses é bem parecida com os de Maragogipinho, entretanto, a maneira como eles fabricam é um pouco diferente. Não se utiliza em Coqueiros máquinas, o modo de produzir parece um pouco menos instrumentalizado, utilizando-se de um pote de cerâmica com sua boca virada para baixo, uma tábua em cima da mesma, uma cuia, uma pedra oval pequena, um pano tamanho pequeno retangular, e um pedaço de cano fino de mais ou menos 15 centímetros.

Parece simples, mais eles utilizam técnicas tanto quanto os artesãos de Maragogipinho, o que os torna diferente é a maneira como esses objetos são confeccionados e o retorno financeiro da atividade, sendo esta resultante da cultura que também vem passando de geração a geração, como nos informa a antropóloga Helena Sampaio numa entrevista:

A cerâmica do distrito de Coqueiros, município de Maragipipe/BA, é um artesanato de tradição que é transmitida de geração para geração há pelo menos 80 anos. Além da transmissão desse saber fazer, que mantém viva a

⁷ Resultante da pesquisa de Aldemir Rildon e sua equipe

⁸ Foto de autoria da turma de Ciências Sociais

tradição local, a atividade artesanal é uma das poucas oportunidades de geração de renda em Coqueiros. (**Revista Raiz**, 2009)

R. A. Cordaro acredita que a cerâmica desta localidade tenha características indígenas, mas também devemos concordar que houve uma mistura entre os povos negros, que foram inseridos na comunidade ao longo do tempo. A mistura entre as duas etnias é muito forte, e não podemos atribuir à cultura da cerâmica como tipicamente marcado pelos antigos aborígenes brasileiros.

Município de Maragogipe, Coqueiro é uma cidade situada apenas a 130 km de Salvador, às margens do rio Paraguaçu. Tem cerca de 2.000 habitantes, e possui uma comunidade de 20 artesãos que preservam a forma de fazer suas peças utilitárias- panelas, frigideiras e potes – ainda com características indígenas. (**CORDARO**, 2007, p.4)

Em Coqueiros moldar a argila é uma função matriarcal, onde apenas 3 homens exercem a função. Helena Sampaio em sua entrevista pela revista nos relata que o corpo dos artesãos é composto de 47 pessoas, sendo que 23 são ceramistas e 24 brunideiras. As mulheres foram passando para suas filhas o ofício e os homens exerciam função da pesca pelo rio Paraguaçu, as duas tradições ainda continuam.

Dentre essas senhoras e senhores envolvidos na produção existem sempre laços de parentesco⁹, e a idéia de continuidade da tradição ela se firma nos laços de parentesco que existem entre os indivíduos da comunidade. O amor pelo que fazem é de invejar, tanto que Helena Sampaio afirma que :

“É surpreendente a altivez que todos revelam como portadores de um saber fazer tão singular. Atributo que os qualifica dentro e fora da comunidade”, observa Daisy. “Outro fator que chama a atenção é a relação orgânica com o barro, como se ele fosse uma extensão do próprio corpo. Não há como eles se manterem privados desse contato, que se faz diariamente, sem intermitências”, acrescenta ela. (**Revista Raiz**, 2009)

O modo como as panelas são colocadas na rua para secar, nos chama atenção para a forma como as coisas foram preservadas pelos herdeiros da tradição, a brisa do rio Paraguaçu com o sol ajudam na secagem. É realmente algo extraordinário, pois houve uma combinação entre natureza e herança cultural.

A forma como o material é trabalhado não causam danos visíveis ao ecossistema do Paraguaçu, ao contrário das construções da “Hidrelétrica Pedra do Cavalo”, que

⁹ Inclusive sou (Geferson Santana de Jesus) neto de ceramistas, filho e sobrinho de brunideiras, que exercem também a pesca no Rio Paraguaçu.

ocasionou grande impacto ambiental e conseqüentemente o desaparecimento de várias espécies marinhas. Outra observação é que a Plataforma de São Roque segue o mesmo ritmo da hidrelétrica.



Fig. 5. Pintada, posta no sol e queimada.¹⁰

Depois que as panelas ficam secas, o processo seguinte é “burnir”¹¹, tendo como ferramenta, uma pedra oval de tamanho médio, um pano específico que dá brilho e um barro de tonalidade vermelha, chamado pelos artesãos de tauá, bem diferente do outro utilizado para a construção da cerâmica. O brilho dado á peça ofusca os olhos e complementa a beleza das panelas, frigideiras e potes.

Ao final do processo de brunir¹², são levadas para o sol como segunda etapa da atividade. Não só as mulheres necessariamente realizam a atividade, existem homens na comunidade que exercem a função para garantir a sobrevivência de seus filhos.

As queimas são realizadas ao ar livre, as peças ficam sobrepostas uma sobre a outra, dentre as panelas são colocados pequenos pedaços de lenha nomeados de tolete. Os bambus cortados no mesmo tamanho são postos em cima do amontoado de louças¹³. Depois de algumas horas de queima os objetos são recolhidos para as casas, onde são confeccionados, tendo esta, uma estrutura que possibilite o armazenamento.

Ao contrário de Maragogipinho, o distrito de Coqueiros não tem uma feira de comercialização das cerâmicas, a tradição sempre foi vender os produtos dentro de casa. A cultura da localidade sempre foi assim, apesar de anos trás ter sido bem melhor, pois os saveiros levavam para o “Mercado Modelo”, e divulgavam a tradição coqueirense.

¹⁰ Foto de autoria da Profª. Ms. Patrícia Verônica Pereira dos Santos do curso de Museologia, extraída do slide apresentado por Geferson Santana de Jesus no Encontro Nacional de História e Cultura da UNIT (Universidade Tiradentes), em 2009 no Estado de Sergipe.

¹¹ Termo utilizado pelas ceramistas de Coqueiros.

¹² Termo utilizado por nós pesquisadores.

¹³ Em Coqueiros significa panelas de barro.

Atualmente, o comércio da cerâmica saiu e as ceramistas têm muita dificuldade para venderem seus produtos.

Baseando- nos na entrevista com Dona Minervina, nascida em 05 de julho de 1903, hoje com 106 anos, discordamos com a afirmativa de Helena Sampaio quando diz na entrevista dada em 2009 à revista Raiz, que a tradição tem pelo menos 80 anos, pois fazendo os cálculos com a idade da retirante- D^a. Minervina- e sua chegada em Coqueiros com 12 anos de idade e conseqüentemente foi com esta idade que ela começou a trabalhar na cerâmica, suposicionamos que a cerâmica tem mais de 90 anos de existência.



Fig. 6. Sede da Associação de Ceramistas de Coqueiros¹⁴

A Votorantim em 2005 implantou nessa comunidade a “Associação Ceramista de Coqueiros”, ofereceu oficinas com o intuito de fortalecer o sentimento de cooperativismo, mais infelizmente as coisas não continuaram tão bem assim, pois logo deixaram de proporcionar incentivo a Associação. A estrutura continua a mesma, entretanto, as reuniões não são feitas. A cooperativa das ceramistas foi desviada do seu verdadeiro sentido, as atividades que se realiza atualmente, são as missas da Igreja e o “Samba de Roda Dona Cadú”.

Numa entrevista com o presidente da associação, Ademir Bernardo, tivemos a revelação de que os artesãos não cumprem os acordos que são estabelecidos entre eles mesmos, como por exemplo no que diz respeito à tabela de preços. Vendem seus produtos de acordo com o valor que acham conveniente, no fundo existe uma competição de mercado, daí a falha no funcionamento da “Associação Ceramista de Coqueiros”.

Os ceramistas de Coqueiros em sua minoria têm hoje uma grande preocupação, que é a preservação de uma cultura que vem passando ao longo do tempo a cada geração. Outras – em sua maioria - não pensam a cerâmica como uma cultura que

¹⁴ Autoria dos autores

reforça a identidade, mais que tem apenas importância econômica para a comunidade no geral. Mas, cadê os jovens enquanto futuros ceramistas? Analisemos a explicação de Helena Sampaio sobre a juventude da localidade:

Além de ser um patrimônio imaterial que deve ser preservado, a produção de cerâmica é uma das poucas alternativas de geração de trabalho e renda para a comunidade. Atualmente, os mais jovens se recusam a aprender e a seguir com ofício das mães e avós. Essa recusa advém da percepção por parte das gerações mais novas da pouca valorização da cerâmica no mercado consumidor e das difíceis condições de vida que o ofício impõe aos moradores, em uma quase imobilidade social. (Revista Raiz, 2009)

A idéia colocada por ela é relativa, pois a nosso vê tem dois lados da mesma moeda. De um lado Sampaio está corretíssima, ao afirmar que os jovens não se interessam pelo ofício por causa da pouca geração de renda, mais por outro devemos enxergar, que os próprios ceramistas também têm culpa no que diz respeito ao não incentivo da juventude. Os pais criam seus filhos sem incentivá-los a produzirem cerâmica, devido a pouca geração de renda, acham que eles devem estudar e ir em busca de uma estabilidade financeira fora da comunidade – entendemos que, os jovens devem ir a escola, mas, as mães devem incentivar também a cultivarem e valorizar a própria cultura assim como os professores deveriam incentivá-lo também.

Portanto, para complemento de suas rendas os homens se utilizam da prática de pesca e outros recebem o bolsa família, pois, só das cerâmicas não dar para sobreviver, com tudo isto eles recebem na faixa de pouco menos de dois salários mínimo, como mostra o gráfico 3.



Gráfico 3. Renda mensal¹⁵

Os ceramistas por não ter uma renda compensatória desestimulam para incentivarem seus filhos a produzir cerâmica, estão contribuindo para a extinção cultural da localidade, o compromisso de garantir a continuidade no fundo não existe, e aí mora

¹⁵ Material resultante da pesquisa de Aldemir Rildon e sua equipe.

o perigo, pois parte da identidade dos indivíduos das gerações futuras irá desaparecer, e logo o artesanato produzido com a argila será apenas algo que ficou na história de Coqueiros. Mas, nem tudo está perdido. Existem jovens que se interessam pelo artesanato de barro, mesmo sem a motivação das ceramistas e parentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui desenvolvido tem o principal objetivo de contribuir para uma nova reflexão sobre Coqueiros e Maragogipinho. Conforme a observação feita através das pesquisas de campo, podem concluir que algumas dificuldades e fragilidades encontradas pela categoria tais como: no tocante aos espaços físicos, estruturais, organizacionais, financeiros, etc. É percebido que grande parte da categoria tem dificuldade no escoamento de seus produtos e derivados.

Devido à probabilidade de extinção desse costume cultural e econômica, é preferível que se realize uma discussão em cima das questões apontadas. Diante disso, apontamos para a necessidade de pensarmos em políticas públicas necessárias para que possamos auxiliar no processo de organização e dinamização da cadeia produtiva do setor, oferecendo melhores condições de produção, publicidades dos mesmos e direitos trabalhistas.

Portanto, a importância e o significado desse tipo de atividade singular e especial esperam que as autoridades e representações políticas eleitas pelos próprios moradores possam estar mais atuantes, subsidiando de alguma forma a continuação dessas atividades artesanais que é um símbolo dessas comunidades. Como graduandos de Ciências Sociais e História, descobrimos um pouco mais sobre estas atividades, familiarizando-nos com nossos objetos de estudos, fazendo análises e interpretações através dos questionários previamente elaborados. Tendo em vista, que em toda a trajetória histórica e econômica houve pouca preocupação de quaisquer segmentos sociais em estabelecer discussões políticas, que atendessem as demandas sócio-culturais das gerações futuras.

Por fim, considerando que a cultura popular deve ser protegida em determinado grupo em que sua identidade expressa sua importância reconhecendo que estas tradições perpassem para novas gerações e, que tais manifestações culturais merecem o apoio do Estado para que esta permaneça dentro dos seus parâmetros de desenvolvimentos, recomendamos que tivessem políticas públicas de incentivos, não só dentro da coletividade, mas como fora delas. Como por exemplos: produzir meios de divulgação

em varias localidades, tanto dentro do país como fora; criar espaços para demonstração dos seus trabalhos de cultivar a arte cerâmistica, isentar os ceramistas de imposto, educar na preservação do meio ambiente e cultural. A participação do Estado nestas categorias é de fundamental importância para sobrevivência dos ceramistas dentro do universo cultural e socioeconômico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BASTOS, Ana Milena Gonçalves e **LORDELO**, Petry. **FEIRA DE SÃO JOAQUIM, RUA DA CERÂMICA, BOX Nº 4: Pode entrar que tem história pra contar**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2006. P.8.

BRANT, Leonardo. **Mercado Cultural; panorama crítico e guia prático para gestão e captação de recursos**. São Paulo: Escritura Editora/ Instituto Pensarte, 4 ed. rev. e atual, 2004. (coleções visões da cultura).

CORDARO, R. A. **A importância do conhecimento da cerâmica popular brasileira na formação do profissional**. Salvador. 51º Congresso Brasileiro de Cerâmica, junho de 2007. P.6. Disponível em: <http://www.abceram.org.br/51cbc/artigos/51cbc-15-02.pdf>.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **A cerâmica popular da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

REIS, Ana Carla Fonseca. “Demanda”, in: **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o calidoscópio da cultura**. São Paulo: Manole, 2007. Pp.61-91

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo. Companhia das Letras, 1988. Pp .75-206.